

IDENTIDADE CULTURAL E ENSINO DE ARTE: VALORIZANDO O REPERTÓRIO MUSICAL DOS ALUNOS COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA

Letícia Maria da Silva Santos ¹

Jéssica Aparecida Severino ²

Liliana Pereira Botelho ³

RESUMO

Este relato de experiência tem o intuito de demonstrar a efetividade da utilização do repertório musical dos alunos como estratégia didática nas aulas de Arte na Educação Básica. Durante a observação participante das aulas de Arte como bolsista do PIBID Música em uma escola estadual no interior de Minas Gerais, pude constatar a falta de interesse e participação de alunos do Ensino Fundamental – 6º e 7º ano – nas aulas de Arte. Essa questão será discutida a partir da assunção da identidade cultural proposta por Freire (1996) e também da valorização do discurso do aluno proposto por Swanwick (2003). Essa experiência de iniciação à docência relatada se dividiu em duas etapas: 1) a descrição da observação participante e intervenção pedagógica nas aulas de Arte do Ensino Fundamental e uma ação realizada pela professora supervisora no Ensino Médio; e 2) a análise dessas ações pedagógicas a partir desses referenciais. Como resultado, observou-se um maior envolvimento dos alunos, que passaram a participar de forma mais ativa nas aulas, compartilhando seus saberes e reconhecendo-se como sujeitos culturais.

Palavras-chave: PIBID, Ensino de Arte, Identidade cultural, Gosto musical, Motivação.

INTRODUÇÃO

Durante a observação participante das aulas de Arte como bolsista do PIBID Música em uma escola estadual no interior de Minas Gerais, pude constatar a falta de interesse e de participação dos alunos do Ensino Fundamental – 6º e 7º ano – nas aulas de Arte. O professor de Arte da Educação Básica enfrenta desafios de diferentes naturezas em sua prática pedagógica, e um deles está relacionado ao engajamento e à participação ativa dos alunos nas aulas. A partir disso, surgiram alguns questionamentos em relação ao que podia motivar ou

¹ Graduando do Curso de **Música** da Universidade Federal - UFSJ, leticiamaria13@aluno.ufsj.edu.br;

² Graduado pelo Curso de **Música** da Universidade Federal - UFSJ, jessica.severino@educacao.mg.gov.br;

³ Doutora do Curso de Música da Universidade Federal - UFMG, lilibot@ufsj.edu.br;



desmotivar as turmas: os conteúdos abordados se aproximavam das vivências cotidianas e referências culturais dos alunos? Havia espaço para uma escuta ativa e diálogo com os alunos sobre suas referências musicais? Quais os desafios enfrentados pelos professores de Arte ao tentarem integrar o repertório musical dos alunos ao currículo?

A partir dessas questões, é possível repensar o ensino de Arte na Educação Básica a partir de conteúdos e estratégias didáticas que promovam o desenvolvimento de competências e habilidades previstas nas diretrizes para o ensino de Arte e, ao mesmo tempo, possibilitem o engajamento do aluno nas aulas, criando um ambiente de aprendizagem que estimule sua participação ativa.

Assim, este trabalho tem o intuito de demonstrar a efetividade da utilização do repertório musical dos alunos como estratégia didática nas aulas de Arte na Educação Básica.

2. VALORIZANDO O REPERTÓRIO MUSICAL DO ALUNO

Como mencionado anteriormente, quando os conteúdos abordados distanciam-se das vivências reais e das referências culturais dos estudantes, isso pode gerar desinteresse e desmotivação. Segundo Freire (1996), a educação deve partir da realidade concreta dos educandos, reconhecendo-os como sujeitos históricos e culturais. Swanwick (2003), ao abordar o ensino de música, também destaca a importância de considerar o discurso e as referências musicais dos alunos como ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem. Complementando essas perspectivas, Lucy Green (2012) evidencia que a música deve ser integrada à vida cotidiana dos estudantes, permitindo-lhes engajar-se de maneira autêntica, seja com a música popular ou de concerto e praticar de maneira colaborativa, por imitação, escuta e prática entre pares. Essa experiência de aprendizagem informal pode enriquecer significativamente a prática pedagógica.

A autora destaca também a importância da autonomia do aluno em sala de aula, que não se limita à execução técnica, mas inclui a capacidade de explorar a música de forma independente, desenvolvendo um senso de autoria e apreciação crítica. A aprendizagem musical autêntica ocorre quando os estudantes podem escolher repertórios familiares, tocar, cantar e criar música de acordo com suas preferências, integrando apreciação, execução,



improvisação e composição de forma natural (Green, 2012). Essa perspectiva promove experiências positivas tanto em relação aos significados inerentes — ligados à estrutura e organização interna da música — quanto aos significados delineados, referentes às associações culturais, sociais ou pessoais.

Além disso, Green (2012) ressalta que a escola deve oferecer oportunidades para que os alunos experimentem a música de maneira ampla e plural, questionando convenções rígidas sobre estilos ou hierarquias musicais. Isso inclui reconhecer que gostos musicais pessoais e influências da cultura midiática ou local podem coexistir com o estudo de repertórios tradicionais, criando uma aprendizagem mais engajada e significativa. Dessa forma, a música deixa de ser apenas um conteúdo a ser transmitido e torna-se uma ferramenta para o desenvolvimento da identidade cultural e social do estudante, alinhando-se às propostas de Freire (1996) e Swanwick (2003) para uma educação dialógica, crítica e contextualizada.

A educação musical, segundo Swanwick (2003), deve ser compreendida como um discurso simbólico e metafórico, em que a música vai além de um simples objeto cultural, tornando-se um meio de expressão e reflexão sobre experiências individuais e coletivas. O autor afirma que “a música é uma forma de discurso tão antiga quanto à raça humana, um meio no qual as ideias acerca de nós mesmos e dos outros são articuladas em formas sonoras” (Swanwick, 2003, p.18).

Nesse contexto, a música opera por meio de processos metafóricos, nos quais sons se transformam em melodias, gestos e estruturas simbólicas, culminando em experiências estéticas significativas:

O cume da experiência estética é escalado somente quando a obra se relaciona fortemente com as estruturas de nossa experiência individual, quando ela clama por uma nova maneira de organizar os esquemas, os traços, os eventos vividos anteriormente (Swanwick, 2003, p.22).

O autor também define três princípios fundamentais para a educação musical: considerar a música como discurso, valorizar o discurso musical dos alunos e promover a fluência musical, ressaltando que a música deve ser compreendida como um meio de expressão criativa, não apenas como reflexo cultural (Swanwick, 2003). Isso implica valorizar





o repertório prévio dos estudantes e incentivar a composição, execução e apreciação musical de forma integrada.

Isso vai ao encontro do que Freire (1996) propõe ao enfatizar que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar condições para que os educandos construam seu próprio saber. Ele afirma: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p.12).

Freire defende que a docência deve ser dialógica, ética e reflexiva, reconhecendo a autonomia, a curiosidade epistemológica e a diversidade cultural dos alunos. Para ele:

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento (Freire, 1996, p.77).

Lucy Green (2012) contribui para este debate ao diferenciar os significados inerentes — ligados à organização interna dos sons e silêncios, ou sintaxe musical — dos significados delineados, que correspondem às associações sociais, culturais, religiosas ou pessoais que a pessoa imprime à música. A autora observa que, em sala de aula, a exposição reduzida com determinados estilos musicais, como a música de concerto e folclórica, pode gerar experiências de alienação ou ambiguidade, dificultando respostas positivas aos significados inerentes e delineados. Por outro lado, iniciar a aprendizagem a partir das músicas de interesse dos alunos cria um espaço pedagógico autêntico, que facilita a apreciação de outros estilos musicais, pois “iniciando com a música que os próprios alunos escolhem e utilizando práticas de aprendizagem que ocorrem relativamente de modo natural, os alunos podem ser conduzidos a transcender: e-ducar (Green, 2012, p.17).

Assim, práticas de aprendizagem musical que se aproximam das experiências informais dos estudantes — como rodas de escuta, escolha de repertórios e produções coletivas — ampliam o engajamento e a escuta crítica no ensino de Arte. Essa abordagem valoriza tanto a música popular quanto os repertórios pessoais, ao mesmo tempo em que possibilita a construção de pontes para compreender músicas de outras tradições, reforçando a dimensão social, cultural e estética do ensino musical.



METODOLOGIA

Este relato de experiência descreve ações pedagógicas e é dividido em duas etapas: 1) a descrição da observação participante e intervenção pedagógica nas aulas de Arte do 7º ano do Ensino Fundamental e de uma atividade realizada pela professora supervisora em turmas do Ensino Médio; 2) a análise dessas ações a partir do pensamento de Freire (1996), Swanwick (2003) e Green (2012).

A partir da observação participante das aulas, realizada entre março e julho de 2025, foi elaborado o planejamento e a intervenção pedagógica baseada nos conteúdos previstos no planejamento escolar e nas demandas identificadas durante o período de acompanhamento. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados o diário de campo para registro das observações, rodas de conversa com os alunos para levantamento do repertório musical dos mesmos e uma atividade de apreciação coletiva de obras, utilizando recursos didáticos como *playlists* digitais, roteiros de escuta e produções estudantis (cartilhas sobre gosto musical e artístico).

2.1 Intervenção pedagógica sobre os gêneros musicais

A intervenção pedagógica foi planejada para a turma do 7º ano, a partir do tema “gêneros musicais”, assunto previamente introduzido pela professora regente, e da construção de *playlists* específicas de música - folclórica, religiosa, de concerto e de gosto pessoal dos alunos. O tema inicialmente despertou certo interesse nos alunos, mas à medida que surgiam dúvidas sobre os gêneros musicais ligados à música de concerto, folclórica ou religiosa, o interesse foi diminuindo e os estudantes ficaram dispersos. Diante da dificuldade de identificação com os estilos apresentadas, optei por realizar minha intervenção dando continuidade ao tema, com o objetivo de aprofundar a compreensão dos estudantes.

O plano de aula contemplou atividades de apreciação, análise comparativa de obras do repertório religioso, folclórico, de concerto e de músicas de preferência dos alunos e registro das impressões musicais a partir de perguntas como: “o que esta música te faz sentir?” “Quais sons chamam mais a atenção?”, visando estimular o desenvolvimento da escuta crítica e a contextualização sociocultural da música. Os objetivos da atividade foram: desenvolver a escuta sensível e crítica dos alunos por meio da apreciação musical; identificar os elementos



sonoros (instrumentos, ritmo) e sensações; e reconhecer e diferenciar os gêneros musicais abordados. As atividades realizadas também contemplaram habilidades previstas na BNCC, a saber:

(EF69AR16) Analisar criticamente, por meio da apreciação musical, usos e funções da música em seus contextos de produção e circulação, relacionando as práticas musicais às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

(EF69AR19) Identificar e analisar diferentes estilos musicais, contextualizando-os no tempo e no espaço, de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética musical (Brasil, 2017, p. 208).

2.2 Produção de *flyers* sobre a identidade cultural

Durante as aulas de Arte no Ensino Médio, mais precisamente nas turmas de 1º ano, a professora supervisora Jéssica propôs uma atividade voltada à reflexão sobre identidade cultural e repertório musical pessoal. A proposta consistiu na produção de *flyers* artísticos que expressassem os gostos musicais dos estudantes e revelassem, de forma visual e textual, como a cultura musical está presente em seu cotidiano e nas suas relações sociais. Inicialmente foi realizada uma roda de conversa sobre diversidade cultural e o conceito de capital cultural, que, a princípio, era desconhecido pela maioria dos alunos. Após a discussão mediada, os estudantes passaram a reconhecer que suas preferências musicais e experiências estéticas cotidianas também fazem parte de sua formação cultural.

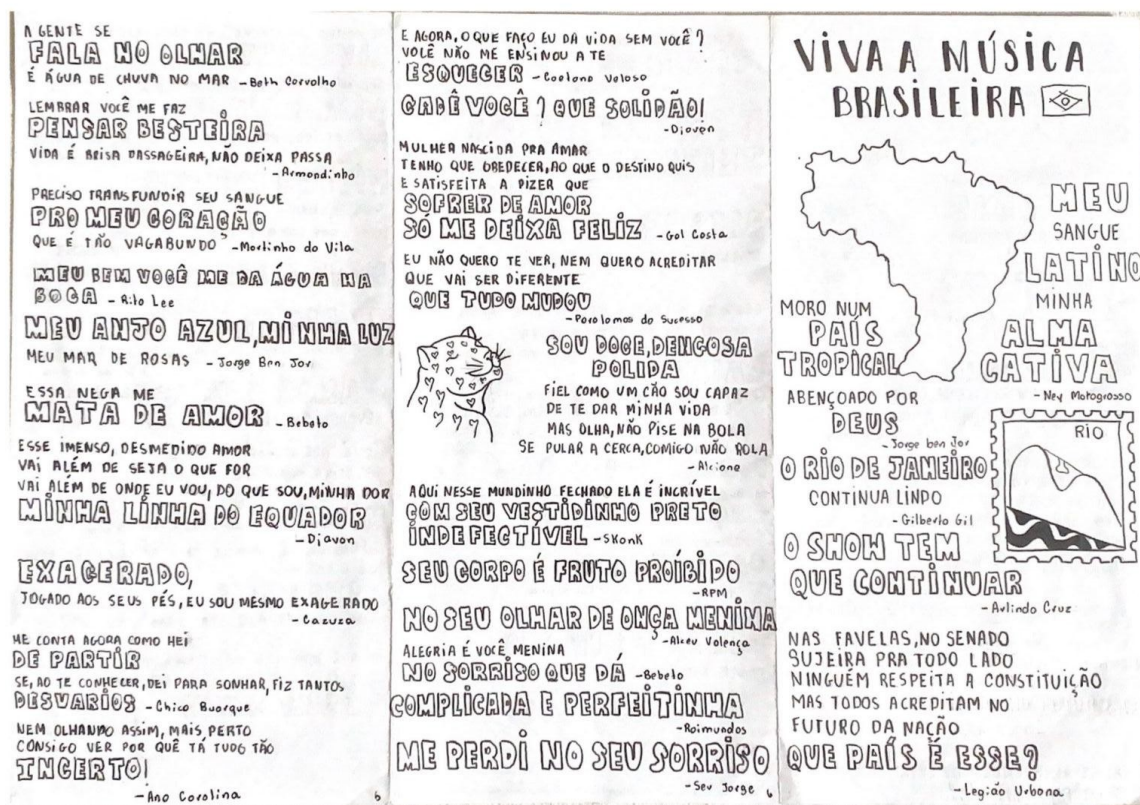
A partir disso, os alunos desenvolveram os *flyers* utilizando elementos visuais, letras de músicas, colagens e ilustrações inspiradas em gêneros de sua preferência. Os estilos mais recorrentes foram Funk, Rap, Trap, Sertanejo e MPB, com destaque para os três primeiros, refletindo o contexto sociocultural e os espaços de convivência dos jovens participantes.

Conforme destaca Souza (2023), o funk possui não apenas valor social, mas também valor artístico, sendo uma legítima expressão cultural das periferias urbanas. Essa compreensão foi essencial para que os estudantes reconhecessem a potência estética de suas próprias vivências musicais.



A atividade revelou o potencial do ensino de Arte para promover o diálogo entre música, identidade e cultura, integrando práticas musicais e visuais em um mesmo processo criativo. A elaboração dos *flyers* permitiu aos alunos articularem escuta, reflexão e expressão artística, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade cultural e da valorização das manifestações populares. A seguir, trazemos alguns exemplos do material produzido pelos alunos.

(Imagens: Arquivo pessoal Jéssica Aparecida Severino)





BRASIL,
QUAL É O TEU NEGÓCIO?
O NOME DO TEU SÓCIO?
CONFIAR EM MIM

QUERO LANÇAR UM GRITO
DE SUMANO,
QUE É UMA MANEIRA
DE SER
ESCUTADO

O DRAMA DA
CABEÇA E FAVELA
TUMULO, SANGUE, SIRENE, CHOROS E VELAS
PASSAGEIRO DO BRASIL, SÃO PAULO, ALONIA

QUE VAI DE GRÇA PRO PRESIDIO
E PARA DEBAIXO DO PLASTICO
E VAI DE GRÇA PRO SUBEMPREGO
E PROS HOSPITAIS PSIQUIATRICOS
A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A
CARNE NEGRA

VÓ, COMO LÊ CONSEGUIU CRIAR TRÊS MULHERES
SOZINHA
NA ÉPOCA QUE MULHER NÃO VALIA NADA?
MENINA NA CIDADE GRANDE, NO SUSTO VIÚVA
E DAQUELA COR QUE SÓ SERVE PARA SER
ABUSADA

CÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO
PRA MIM

MORREU, NA CONTRAMÃO ATRAPALHANDO O
TRÁFEGO

**É PRECISO DAR UM
JEITO, MEU AMIGO**

APESAR DE VOCÊ
AMANHÃ HÁ DE SER OUTRO DIA

ERGA ESSA CABEÇA, META O PÉ E VAI NA FÉ
MANDA ESSA TRISTEZA EMBORA
BASTA ACREDITAR QUE UM NOVO DIA VAI
RAIAR
SUA HORA VAI CHEGAR

MAS É PRECISO TER
FORÇA,
É PRECISO TER
RÇA
É PRECISO TER
GANA SEMPRE

TENHA FÉ EM DEUS,
TENHA FÉ NA VIDA

TENTE OUTRA VEZ



TE MOSTRO UM TRECHO, UMA PASSAGEM DE UM
LIVRO ANTIGO
PRA TE PROVAR E MOSTRAR QUE A
VIDA É LINDA

DURA, SOFRIDA, CARENTE EM QUALQUER CONTINENTE

VIVER É MELHOR

QUE SONHAR
EU SEI QUE AMOR É UMA COISA BOA

HOJE O TEMPO VOA, AMOR

É PRECISO AMAR
AS PESSOAS COMO SE NÃO HOUVESSE AMANHÃ

O AMOR É UM ATO
REVOLUCIONÁRIO

É VOCÊ QUE É FEITO DE AZUL
ME DEIXA MORAR NESSE AZUL

ME DEIXA ENCONTRAR
MINHA PAZ

EUNÃO SEI SE VEM DE DEUS, DO CÉU FICAR AZUL
OU VIRA DOS

OLHOS TEUS

ESSA COR QUE AZULEIA O DIA

AI QUE BOM QUE ISSO É MEU DEUS
QUE FRIO QUE ME DA O ENCONTRO
DESSE OLHAR



BOBEIRA É
NÃO VIVER
A REALIDADE

MAS É PRECISO TER
FORÇA, É PRECISO TER
RÇA, É PRECISO TER
GANA,
SEMPRE

Desinflama, meu amor
Do teu peito é muita dor, **vive**
Deixa o tempo resolver
Se tiver que acontecer, **vive**

Não quero o que a
cabeça pensa, eu
quero o que a alma
deseja

SE VOCÊ NÃO ENTENDE, NÃO VÊ
SE NÃO ME VÊ, NÃO ENTEENDE
NÃO PROCURE SABER ONDE ESTOU
SE O MEU JEITO TE SURPREENDE!

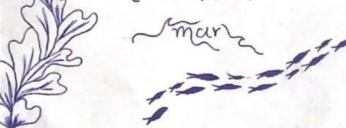
Muy rica, quem tem
pensamento forte, o impossível
é só questão de opinião
E DISSO OS HOMENS SABEM

QUE A VIDA DEVIA SER BEM
MELHOR E SERÁ, MAS ISSO NÃO
IMPEDE QUE EU REPITA, É BONITA
VIVER E NÃO TER A VERGONHA
DE SER FELIZ

Quero nadar na
sua água
na ondulação dos
seus cabelos

VOCÊ
DESÁGUA
EM MIM
E EU
OCEANO

e tudo que
eu posso te dar
é **SOLIDÃO**
com vista pro
mar



Vou dizer pra Deus, nego, gente
que tá ex o amor da minha vida
Por não da pra viver nessa
vida morrendo de amor

QUE BOM É SER
FOTOGRAFADO NAS
PELAS RETINAS DESSES

MAKTUB tinha
que acontecer

baby, eu lamento

MAS NÃO
TEMPO, PARA
SUAS DORES, AS
SENHO
SENTIR AS
MÔNHAS

eu já não aguento

Para desentristecer, leãozinho
O meu coração tão só
Basta eu encontrar você
no caminho

SÓ PEÇO A VOCÊ
UM FAVOR SE PUDER
NÃO ME ESQUEÇA

NUM CANTO QUALQUER

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros de observação participante e da intervenção pedagógica realizadas na turma do 7º ano permitiu identificar diferentes aspectos da participação dos alunos. As categorias que emergiram a partir da análise desses registros foram: engajamento e participação, preferências musicais e repertório prévio, experiência estética e significados, desafios e estratégias pedagógicas.

Engajamento e participação: Durante a fase de observação, constatou-se que os alunos tiveram uma participação limitada nas atividades propostas pela professora regente, especialmente nas que envolviam gêneros musicais relacionados à música de concerto e folclórica. Essa participação reduzida ilustra a análise de Green (2012), que afirma que a pouca familiaridade com determinados estilos musicais pode gerar experiências de alienação ou ambigüidade, uma vez que o significado inerente ou delineado seja negativo. Observou-se, entretanto, que o interesse aumentava significativamente quando os alunos eram convidados a interagir com músicas de seu próprio gosto, como demonstra o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Participação dos alunos por tipo de atividade

Atividade	Participação	Observações
Escuta de música de concerto	Baixa	Comentários sobre “de rico” “música lenta” ou “difícil de entender”
Escuta de música folclórica	Média	Maior interesse em trechos reconhecíveis, comentários como “música de criança”
Escuta de música religiosa	Média	Interesse moderado; alguns alunos reconheceram canções familiares; comentários como “minha mãe escuta muito!”
Construção de playlists pessoais	Alta	Entusiasmo, compartilhamento de experiências pessoais
Rodas de conversa	Alta	Interação ativa e diálogo sobre repertório musical

Além disso, a atividade dos *flyers* realizada pela professora supervisora no Ensino Médio também apresentou alto nível de engajamento. Os alunos demonstraram entusiasmo ao relacionar suas experiências musicais pessoais com suas identidades culturais, refletindo sobre





os gêneros que fazem parte do seu cotidiano e reconhecendo o valor artístico de manifestações como o funk, o rap e o trap.

Preferências musicais e repertório prévio: Os dados evidenciaram que o repertório prévio dos estudantes exerce papel central no engajamento. Conforme afirma Swanwick (2003), valorizar o discurso musical dos alunos é fundamental para o engajamento e desenvolvimento da fluência musical. A intervenção possibilitou aos estudantes reconhecer suas referências culturais e compartilhar suas experiências musicais, evidenciando o potencial pedagógico da música como ferramenta de inclusão cultural. Green (2012) reforça que a aprendizagem musical autêntica ocorre quando os estudantes podem escolher repertórios familiares e participar de atividades musicais que integrem apreciação, execução, improvisação e composição de forma natural. A atividade dos *flyers* sobre identidade cultural reforçou esse aspecto ao permitir que os alunos refletissem sobre suas origens e expressassem visualmente seus repertórios pessoais. As produções revelaram uma forte presença de gêneros populares urbanos, o que confirma a diversidade de repertórios e o papel da escola como espaço de valorização e diálogo entre culturas.

Experiência estética e significados: a aproximação com diferentes gêneros musicais possibilitou aos alunos desenvolverem uma percepção mais crítica e sensível sobre a música. Observou-se que, ao ouvir e analisar coletivamente obras musicais variadas, os estudantes passaram a atribuir significados a elas. O significado inerente (relacionado aos elementos intrínsecos da música) e o significado delineado (relacionados a contextos socioculturais) das músicas apreciadas puderam ser ilustrados na experiência de apreciação musical dos alunos, conforme propõe Green (2012). Essa prática promoveu experiências de “celebração musical”, em que os alunos demonstraram respostas positivas aos dois tipos de significados, ampliando sua capacidade de apreciação musical e contextualização sociocultural. A proposta dos *flyers* também contribuiu para essa vivência estética, integrando música e artes visuais. Os alunos puderam transformar suas percepções sonoras em representações gráficas e simbólicas, traduzindo suas identidades culturais por meio de imagens, cores e textos inspirados em seus repertórios musicais.

Desafios e estratégias pedagógicas: durante a intervenção, foram identificados alguns desafios, como a resistência dos alunos a músicas consideradas “estranhas”, observada especialmente com a música de concerto, religiosa e folclórica. Além disso, houve dificuldade





de engajamento em atividades que não correspondiam às preferências individuais dos estudantes. Também houve dificuldade para gerir grupos heterogêneos, que requeria a participação ativa de todos, garantindo que opiniões e gostos pessoais fossem respeitados, sem que as considerações dos alunos predominassem nas discussões ou na escolha das músicas. A atividade dos *flyers* complementou essa abordagem, ao propor um espaço de expressão artística livre, no qual os alunos puderam relacionar suas vivências culturais com o conteúdo das aulas. Essa estratégia favoreceu a autonomia e a reflexão crítica sobre o papel da música em suas vidas, dialogando com os princípios de Freire (1996) e Green (2012).

A resistência a gêneros com os quais não se identificavam, evidenciou a importância de estratégias pedagógicas que respeitem o repertório prévio e incentivem a exploração de novos estilos. Nesse sentido, a utilização de práticas de aprendizagem musical informal, como a escolha de repertórios pelos próprios alunos e rodas de escuta, mostrou-se eficaz para engajar e estimular a escuta crítica, corroborando o que Green (2012) descreve sobre a importância da autenticidade da aprendizagem musical e da autonomia pessoal do estudante.

A valorização do repertório musical, bem como da identidade cultural dos alunos contribuiu significativamente para o engajamento e a participação ativa nas aulas de Arte. Além disso, práticas que permitem aos estudantes explorar suas próprias referências culturais fortalecem a identidade cultural, favorecem a experiência estética e ampliam a compreensão dos significados musicais. A integração do pensamento de Swanwick (2003), Freire (1996) e Green (2012) demonstram que o ensino musical deve equilibrar práticas da aprendizagem formal e informal, respeitar a diversidade de experiências e promover oportunidades de protagonismo e reflexão crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência evidenciou que a valorização do repertório musical dos alunos constitui uma estratégia pedagógica significativa para o engajamento e a participação nas aulas de Arte. A utilização de atividades de escuta sensível, rodas de conversa, apreciação coletiva de obras e construção de *playlists*, considerando os gostos pessoais dos estudantes, bem como a atividade de produção dos *flyers*, promoveram o envolvimento, a colaboração e a expressão cultural dos alunos.





A integração de práticas de aprendizagem musical próximas das experiências informais dos estudantes — como escolha de repertórios familiares — também contribuiu para experiências estéticas positivas, favorecendo a atribuição de significados inerentes e delineados à experiência de apreciação musical, conforme proposto por Lucy Green (2012). Além disso, tais práticas reforçam os princípios defendidos por Freire (1996), ao reconhecer o aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento e na apropriação de sua identidade cultural.

Apesar dos avanços observados, desafios como a resistência a determinados estilos musicais, gestão de grupos heterogêneos e diversidade de preferências individuais exigem estratégias pedagógicas contínuas e adaptativas. A experiência indica que, ao promover espaços de escuta, diálogo e participação coletiva, é possível ampliar a autonomia dos estudantes e o respeito às diferentes perspectivas musicais, fortalecendo a aprendizagem e a valorização cultural.

Por fim, este relato de experiência reforça a importância de novas pesquisas sobre a integração dos repertórios musicais dos alunos no currículo de Arte, permitindo explorar de forma mais aprofundada estratégias didáticas que promovam maior engajamento e interesse, a inclusão cultural e a escuta crítica. Além disso, ele abre caminhos para reflexão e aprimoramento de práticas pedagógicas que possam ser adotadas e adaptadas para diferentes contextos escolares, ampliando o impacto social e educacional do ensino de música.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. **Revista da Abem**, Londrina, v. 20, n. 28, p. 61-80, 2012.
- SOUZA, Thiago de. **Tudo o que você sempre quis saber sobre Funk ... mas tinha medo de perguntar**. São Paulo: Editora Tipografia Musical, 2023.
- SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

